

Fundo de Desenvolvimento Rural aplica mais de R\$70 milhões na economia catarinense

A Secretaria da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, por meio do Fundo de Desenvolvimento Rural (FDR), aplicou mais de R\$70 milhões na economia catarinense nos últimos quatro anos. São vários programas que apoiam os agricultores familiares no desenvolvimento de seus empreendimentos, com atenção especial aos jovens. “Todos os programas da secretaria que usam recurso do FDR são acessados pelos agricultores por meio da Epagri, que elabora os projetos, emite as autorizações e faz o acompanhamento técnico”, esclarece Célio Haverroth, coordenador de Políticas Públicas da Epagri.

O FDR é gerido pelo Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural. “Esse conselho conta com representantes do governo do Estado e da sociedade, como cooperativas e sindicatos”, explica o coordenador da Epagri. Segundo ele, o fundo eventualmente recebe aportes do governo do Estado, mas se mantém basicamente com os pagamentos das parcelas dos programas financiados por ele.

Fomento geral

Um dos principais programas do FDR é o Fomento Geral. Só em 2017, ele financiou R\$11.733.475,08 em créditos para 856 famílias de agricultores de todo o Estado. Esse recurso foi investido pelos produtores rurais na estruturação de suas propriedades, como construção de galpões, compra de equipamentos agrícolas, instalação de irrigação, estrutura para piscicultura, formação de pomares, compra de reprodutores e de matrizes leiteiras.

Kit Informática

O Kit Informática foi outro programa impulsionado pelos recursos do FDR. Nessa política pública, jovens rurais com idades entre 16 e 29 anos – a maioria participantes dos cursos de Gestão, Liderança e Empreendedorismo promovidos pela Epagri – recebem recurso para compra de *notebooks* e impressoras utilizados na modernização da gestão da propriedade.

Entre 2013 e 2017, o fundo financiou R\$5.704.226,13 do programa, be-

neficiando 2.288 jovens. Eles têm três anos para pagar o empréstimo e recebem desconto de 50% nas parcelas pagas em dia. O ano de 2014 registrou o maior número de empréstimos no programa Kit Informática, no valor de R\$2.150.114,87, atendendo 861 jovens.

Sementes de Milho

Em 2017, o programa Sementes de Milho beneficiou 50 mil agricultores. A iniciativa da Secretaria de Agricultura e da Pesca com apoio da Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina (Fecoagro) permite ao agricultor adquirir semente de milho de qualidade, a baixo custo, e pagar o valor em equivalência de produto.

Kits Forrageiras e Apicultura

O Kit Forrageiras beneficiou 1.810 agricultores em 2017 com financiamento de insumos para a melhoria de pastagem, com assistência técnica da Epagri. Outros 414 produtores foram beneficiados no ano passado com o Kit Apicultura. Eles recebem financiamento para aquisição de colmeias e equipamentos para a atividade. Os dois programas preveem pagamento em dois anos, sendo que o agricultor ganha vantagens se quitar a dívida no primeiro ano.

Outros programas

Os programas Juro Zero, Irrigar e Armacenar subsidiam o pagamento de juros de empréstimos contraídos em bancos via Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Foram pagos, no total R\$3.734.932,41 em juros com dinheiro do FDR no ano passado, beneficiando 2.003 agricultores.

O programa Calcário, que subsidia a compra desse insumo para correção de solo, beneficiou 15.432 produtores rurais no ano passado. ■



Foto: Jonathan James/Epagri

Produtores rurais têm acesso aos programas por meio da Epagri

Cada real investido na Epagri beneficiou os brasileiros com R\$5,88 em 2017

Em 2017, a contribuição da Epagri no retorno que as tecnologias e ações da Empresa geraram para os brasileiros foi de R\$2,23 bilhões. Essa cifra representa um retorno social de R\$5,88 por real investido na Empresa. Já o retorno global das tecnologias geradas pela Epagri, considerando a contribuição de todos os agentes para o uso dessas soluções, foi estimado em R\$5,23 bilhões. Os números foram revelados na 9ª edição do Balanço Social da Empresa.

O setor agropecuário catarinense colheu, em 2017, uma safra plena, com produtividade histórica. O Valor Bruto da Produção alcançou R\$29,57 bilhões. Por outro lado, os preços de vários produtos comprometeram a remuneração dos produtores. “Embora a conjuntura econômica não tenha sido tão favorável, nosso foco continua na busca da melhor colheita possível em cada ano – e foi isso que alcançamos em 2017”, avalia Luiz Ademir Hessmann, presidente da Epagri.

O Balanço Social da Epagri também contabilizou 218 projetos de pesquisa em execução no ano e 23 tecnologias lançadas, entre elas 7 cultivares. Ao longo de 2017, 54,2 mil famílias foram capacitadas e 91,5 mil famílias foram visitadas por profissionais da Epagri em suas propriedades.

Além dos números de 2017, o documento apresenta histórias de sucesso de agricultores, pecuaristas e pescadores que atuam em diferentes cadeias produtivas do Estado. “São casos individuais que podem parecer pequenos diante da grandiosidade dos números do agronegócio catarinense. Mas são histórias de famílias e comunidades para as quais o apoio da Epagri foi decisivo entre mudar de vida ou não, entre ir para a cidade ou permanecer no campo, entre conviver com dificuldades ou ter qualidade de vida. Nessa multidão, quem se destaca são os jovens, cujas vozes ecoam cada vez mais fortes no meio rural e pesqueiro catarinense”, diz Hessmann. ■



COLHEITA DO ANO

- 218 projetos de pesquisa em execução
- 23 tecnologias lançadas
- 7 cultivares lançados
- 54,2 mil famílias capacitadas
- 91,5 mil famílias visitadas na propriedade
- 3 mil entidades atendidas

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

- 52,1 mil análises de solo
- 172,6 mil atendimentos em escritório
- 3,8 milhões de acessos à página de previsão do tempo
- 26,4 mil Declarações de Aptidão ao Pronaf (DAPs) emitidas

INFORMAÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA

- 880 mil visitas ao site da Epagri
- 260 programas de rádio veiculados em mais de 120 emissoras
- 261 vídeos técnicos
- 607 publicações técnico-científicas
- 3,7 milhões de visualizações no canal da Epagri no Youtube

CAPITAL HUMANO

- 171 pesquisadores
- 628 extensionistas
- 916 profissionais de apoio
- 67 jovens aprendizes

Epagri inicia trabalho para buscar IG do mel de melato de bracatinga

No Planalto Sul e no Planalto Norte de Santa Catarina, a associação entre a bracatinga, um inseto chamado cochonilha e as abelhas resulta num produto único: o mel de melato. Ele é fabricado pelas abelhas a partir do líquido açucarado que a cochonilha produz ao se alimentar da seiva da bracatinga. Ainda pouco conhecido fora dessa região, o mel de melato é escuro, levemente menos adocicado que o de origem floral e possui maior quantidade de minerais, além de propriedades medicinais.

Mas a pouca fama desse produto tão singular está com os dias contados. A Epagri, em parceria com o Sebrae, a Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina (Faasc) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), está iniciando o trabalho para buscar a Indicação Geográfica (IG) do mel de melato de bracatinga.

A primeira reunião de sensibilização da cadeia produtiva foi realizada em junho, em Lages, quando produtores e entidades discutiram a construção conjunta de uma IG para o mel de melato. Os participantes conheceram as etapas

do trabalho, que implicam, por exemplo, no reconhecimento da notoriedade do produto no território e na realização de estudos técnico-científicos.

A Epagri e a UFSC serão responsáveis por esses estudos, que vão subsidiar o dossiê de submissão do pedido para a IG. “Estamos fazendo o reconhecimento das áreas onde ocorre o fenômeno de associação entre a cochonilha e a bracatinga para fazer o recorte espacial da área de estudos. A partir daí serão realizados estudos agroclimáticos, de solos e geologia, uso e cobertura da terra, fisiografia e toda a caracterização física e ambiental do território que determina a qualidade e tipicidade do produto”, explica Everton Vieira, geógrafo do Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia de SC (Ciram/Epagri), responsável pela equipe técnica que fará os estudos.

Quando estiver pronto, o dossiê será entregue ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), instituição que concede o registro da IG. O pedido do registro é feito por uma instituição representativa dos produtores, que fica responsável pela gestão da Indicação Geográfica e pelas normas de uso da identidade visual.

Everton explica que a IG traz vantagens como aumento da relação de confiança entre produtores e consumidores, desenvolvimento do território, valorização da cultura regional e do saber-fazer, agregação de valor ao produto, abertura de novos mercados e preservação do meio ambiente. “A produção de mel de melato pode representar uma estratégia importante de preservação e uso sustentável das matas de bracatingais, conciliando geração de renda com a conservação ambiental. Além disso, a bracatinga pode ser explorada como recurso madeireiro, haja



Foto: Aires Mariga/Epagri

O mel de melato é um produto único com características determinadas pelas condições geográficas

vista seu crescimento rápido e ciclo de vida curto”, acrescenta.

Fenômeno da natureza

O mel de melato de bracatinga é um produto único cujas características são determinadas pela condição geográfica. “Não existe outro produto igual no mundo, e isso, por si só, justifica o pedido de uma Indicação Geográfica, embasada na notoriedade e tipicidade de um produto vinculado a um território”, diz Everton. Em 2017, esse mel foi reconhecido como o melhor do mundo no 45º Congresso Internacional de Apicultura, em Istambul, na Turquia.

Estudos preliminares indicam que a área de produção do mel de melato abrange cerca de um terço do território catarinense. Ela se estende do Planalto Sul ao Planalto Norte, seguindo por uma faixa central do Estado em regiões com altitudes acima de 700 metros. Há pequenas áreas de ocorrência no Rio Grande do Sul e no Paraná, mas aproximadamente 90% da produção está em Santa Catarina.

Ainda não se sabe quantos dos 6,1 mil apicultores catarinenses produzem o mel de melato. “Os estudos técnicos realizados pelos pesquisadores e a atualização do cadastro apícola, que está a cargo das equipes de extensão rural, vão nos dar uma noção de quantos desses apicultores produzem esse mel”, diz Everton. ■



Foto: Saulo Porfiro/Epagri

Secreção produzida pela cochonilha no tronco da bracatinga serve de matéria-prima para o mel de melato

Praga de pastagem identificada em SC chega a outros Estados

A mosca-da-grama-bermuda, *Atherigona reversura* Villeneuve, 1936 (Diptera: Muscidae), detectada pela primeira vez no Brasil por uma equipe de pesquisadores liderados pelo entomologista da Epagri Leandro do Prado Ribeiro, chegou ao Paraná, a São Paulo e ao Mato Grosso do Sul. Em abril de 2015 foi feito o primeiro relato do inseto na América do Sul, quando a espécie foi encontrada em Abelardo Luz, Chapecó, Palmitos e Videira, nas regiões Oeste e Meio-Oeste de Santa Catarina. A espécie-praga exótica invasora ataca pastagens, provocando sérios prejuízos aos pecuaristas.

“Produtores de leite, feno e pré-secado de diferentes municípios do Paraná, de São Paulo e do Mato Grosso do Sul têm relatado recentemente a ocorrência da praga em suas propriedades”, explica Leandro. Forragicultores desses estados observaram intensivos danos em pastagens formadas pelos cultivares de grama-bermuda Tifton 85, Tifton 68, Capim Vaqueiro, Jiggs e Coast Cross. “Isso amplia a dispersão da mosca-grama-bermuda no Brasil e sua associação hospedeira”, explica o pesquisador, acrescentando que, em Santa Catarina, os ataques aconteceram inicialmente no cultivar Jiggs.

Além do Brasil, a ocorrência da mosca-da-grama-bermuda também foi notificada, recentemente, em três províncias da Argentina (Buenos Aires, Chaco e Santa Fé). Embora a percentagem



Inseto foi identificado na América do Sul em 2015

de perfilhos danificados seja variável de acordo com o cultivar, o ataque dessa praga tem causado reduções de até 60% na produtividade de cultivares suscetíveis de grama-bermuda no sudeste dos Estados Unidos, onde foi detectada em 2010.

Danos às plantas

A mosca-da-grama-da-bermuda coloca seus ovos nas plantas e, quando eles eclodem, as larvas se alimentam dos perfilhos (brotações) da pastagem. “A morte das folhas apicais de perfilhos

infestados é decorrente do dano no tecido vascular, que conduz a uma redução significativa no crescimento das plantas, diminuindo a produção de biomassa de forragem em áreas já estabelecidas e dificultando o estabelecimento de novas áreas com espécies vegetais hospedeiras do inseto-praga”, descreve o pesquisador da Epagri.

Segundo Leandro, para monitorar a mosca-da-grama-bermuda é preciso estar atento à ocorrência de perfilhos danificados que contenham no interior larvas ou vestígios da alimentação delas. Já a captura de adultos pode ser realizada com rede de varredura, por meio de movimentos pendulares rentes ao chão. “Por se tratar de uma espécie exótica para o Brasil, os métodos de controle ainda não foram estabelecidos. Além disso, até o momento não foi realizado o registro emergencial de inseticidas para supressão ou manejo dessa praga”, alerta o entomologista.

Os cultivares de pastagem atacados pela mosca-da-grama-bermuda são amplamente utilizados em todas as regiões de Santa Catarina por conta de sua produtividade e adaptação às condições de clima e solo do Estado. Estima-se que cultivares de grama-bermuda sejam utilizados em pelo menos 70% das propriedades produtoras de leite do Estado. ■



Pastagem infestada pela mosca em Tietê (SP)

Chapecó ganha laboratório de sanidade animal

A Epagri agora tem uma estrutura com tecnologia de ponta no Oeste do Estado para trabalhar pela saúde do rebanho bovino. O Laboratório de Biotecnologia em Sanidade Animal (Biotecsa) foi inaugurado em junho, dentro do Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar (Cepaf), em Chapecó.

O oeste catarinense é a maior base leiteira do Estado, respondendo por 75,1% da produção, e também concentra 48,1% do rebanho de corte. Para atender a demanda de pesquisa para essas duas importantes cadeias do agronegócio catarinense, o laboratório vai trabalhar com foco em diagnóstico microbiológico e molecular de enfermidades que afetam a produção animal e a saúde pública.

“Além de comprometer a qualidade do leite, algumas doenças, como tuberculose e brucelose, podem ser transmitidas aos humanos. Leite e derivados infectados com outros patógenos, como a salmonela e o estafilococos, podem causar intoxicação alimentar e outros males à saúde de quem consome. O laboratório vai gerar informação para ajudar a combater esses riscos”, explica o médico-veterinário Vagner Miranda Portes, pesquisador da Epagri/Cepaf à frente do Biotecsa.

O laboratório conta com tecnologia de ponta, inclusive para realização de testes de DNA. Entre as funções da nova

estrutura está a de auxiliar na elaboração de uma visão epidemiológica dos patógenos infecciosos circulantes na cadeia láctea do Oeste de Santa Catarina, trazendo subsídios para programas de vigilância e de saúde pública. Também serão gerados conhecimentos estratégicos para controle de mastite e da sanidade bovina.

O Biotecsa deve trazer reflexos positivos à produtividade e à qualidade do leite, além de gerar informações para

a indústria de laticínios que auxiliem na criação de medidas voltadas para a qualidade e a segurança dos alimentos. A estrutura será compartilhada com a de outros laboratórios já existentes no Cepaf, somando a capacidade laboratorial instalada. Também foram investidos R\$200 mil em equipamentos, com verbas da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapescc), do PAC Embrapa e da própria Epagri. ■



Biotecsa vai trazer reflexos positivos à produtividade e à qualidade do leite

Programa Mais Gestão beneficia organizações familiares em SC

Membros de 39 cooperativas e associações de agricultores catarinenses aderiram ao programa Mais Gestão, da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater). A iniciativa oferece assessoria e consultoria técnica para qualificar a gestão de empreendimentos da agricultura familiar com foco no mercado.

Em Santa Catarina, o programa é executado pela Epagri. No mês de abril, 60 técnicos da Empresa foram qualificados pela Anater para implantar o

programa no Estado. Agora, eles estão trabalhando junto aos empreendimentos beneficiados para melhorar as áreas de gestão, mercado e produção.

O trabalho inicia com um diagnóstico de cada organização para identificar os pontos fortes e os que precisam melhorar. Esse levantamento serve de subsídio para construir o plano de gestão das cooperativas. “O trabalho com gestão não compreende apenas a parte contábil e financeira. O programa abrange também as áreas de comercialização e marketing,

ambiental, gestão de pessoas, gestão do quadro social e produção e processos agroindustriais”, explica Daniel Uba, coordenador do programa de Gestão de Negócios e Mercados na Epagri. O cronograma de execução segue até setembro de 2020.

O Mais Gestão é uma estratégia da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD) baseada em princípios, objetivos e diretrizes da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater). ■

Epagri inaugura instalações em Tubarão

A Epagri inaugurou as obras de ampliação e adequação de seu prédio em Tubarão, que passa a reunir as equipes da Gerência Regional e do Centro de Treinamento (Cetuba). A Empresa resolveu desocupar o prédio que abrigava a equipe da Gerência Regional, na área central da cidade, por ele ser muito grande e antigo, além de ter uma localização que dificultava o estacionamento dos veículos. O leilão desse edifício permitiu a realização de obras no Cetuba.

O prédio do Centro de Treinamento ganhou uma garagem de 200m² para abrigar a frota da Epagri, um vestiário de 60m² para atender os operários de campo, salas de aula ampliadas e reforma no auditório, além de uma escada externa. O piso superior foi reformado

e adaptado para se tornar sede da Gerência Regional da Empresa. Também foram comprados novos móveis para as duas unidades, que reúnem 40 profissionais. A Epagri investiu R\$277,5 mil, provenientes de recursos próprios e do Programa SC Rural.

Trabalho e desenvolvimento

O presidente da Epagri, Luiz Ademir Hessmann, destacou as parcerias que serão firmadas com a nova estruturação das unidades, como a com a prefeitura – que vai permitir a realização de eventos agropecuários no terreno do prédio ampliado e reformado – e com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), que vai viabilizar a ins-

talação de uma unidade demonstrativa de engorda de bovinos. Ele anunciou ainda investimentos que serão feitos na aquisição de uma estufa para produzir mudas de mandioca sem vírus.

Estrutura e localização

O Centro de Treinamento da Epagri em Tubarão tem capacidade para abrigar 53 pessoas em 18 quartos. A unidade oferece cursos nas áreas de pecuária de leite e de corte, boas práticas de fabricação de alimentos, turismo rural e formação de jovens rurais, entre outras.

O novo complexo da Epagri fica na Rua Dolores Goulart, s/nº, no bairro São Martinho. O Escritório Municipal de Tubarão permanece no centro da cidade, anexo à Câmara de Vereadores. ■



Estrutura agora abriga a Gerência Regional e o Centro de Treinamento

Epagri de Itajaí avalia benefícios do policultivo de plantas

O cultivo de diferentes plantas na mesma área, conhecido como policultivo, não é uma prática nova – apenas foi deixado de lado pela maioria dos agricultores em busca de produtividades maiores. Mas analisando essa técnica mais de perto, é possível descobrir que a diversidade de plantas no mesmo espaço traz uma série de benefícios ambientais e econômicos – que podem ser maiores até que no monocultivo.

A equipe do Escritório Municipal da Epagri de Itajaí, com ajuda dos entomologistas da Empresa, Erica Pereira e Ildelbrando Nora, fez uma descoberta interessante sobre os benefícios do policultivo. Eles estão monitorando o ataque da mosca-do-broto-do-aipim em propriedades rurais de Itajaí e constataram que, onde o produtor Osmar Marqui consorciava o aipim com feijão ou com milho e melancia, o ataque da mosca era bem menos severo.

Nessa propriedade, o nível de ataque da mosca em áreas de monocultivo foi de 70%. Onde o aipim estava consorciado com feijão, alcançou 53%; e onde o produtor consorciou aipim com melancia e milho, o ataque caiu para apenas 13%. O engenheiro-agrônomo



Produtores da região são orientados sobre os benefícios dessa prática

Antônio Henrique dos Santos, da Epagri de Itajaí, explica que as espécies de plantas se “ajudam” de várias formas. “Num ambiente diversificado, criam-se condições para os inimigos naturais das pragas se desenvolverem. Microclimas são criados e desfavorecem algumas doenças. A dispersão de esporos de fungos também é desfavorecida e algumas plantas têm a capacidade de repelir insetos”, enumera.

Outro benefício são as micorrizas,

fungos benéficos às plantas que ajudam na absorção de fósforo e água. Elas usualmente estão presentes no aipim e são favorecidas quando a planta é consorciada com milho ou adubos verdes.

Rendimento que soma

O resultado das áreas consorciadas valeu a pena também para o bolso do agricultor. Onde havia aipim e feijão, Osmar colheu 831 caixas/ha de aipim e 14,52 sacas/ha de feijão, o que resultou em rendimento de R\$35.786,55 por hectare. Na área de aipim com milho e melancia, o rendimento das três culturas somou R\$29.872,90 por hectare. Enquanto isso, a área onde só havia aipim plantado rendeu 554,61 caixas/ha, totalizando rendimento de R\$20.104,61 para cada hectare. “Embora a produtividade de milho-verde, melancia e feijão não seja alta nessas áreas porque as culturas estão misturadas, o resultado econômico por hectare no consórcio de espécies é significativamente maior”, explica Antônio.

A equipe da Epagri fará mais um acompanhamento na propriedade para confirmar os resultados, mas os números já estão sendo divulgados para agricultores do município. ■



Fotos: Antônio Henrique dos Santos/Epagri

Áreas de policultivo desfavorecem o surgimento de pragas e doenças

BNDES premia processo de certificação participativa em Biguaçu apoiado pela Epagri

O processo de certificação participativa para uso e conservação da floresta no sistema itinerante, desenvolvido pela Associação Valor da Roça, de Biguaçu, na Grande Florianópolis, é um dos vencedores do Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais. A Epagri, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA) são os principais apoiadores do projeto. Das 63 práticas submetidas à avaliação da comissão julgadora, a iniciativa de Biguaçu obteve o sétimo lugar. Como prêmio, a Associação Valor da Roça recebeu R\$ 50 mil.

A comunidade rural de Biguaçu desenvolve há gerações um sistema de cultivo caracterizado por períodos de alternância entre lavouras anuais e a floresta nativa, sem revolvimento do solo e com um manejo especial. Nesse sistema, eles plantam principalmente mandioca, banana, feijão e milho, sem uso de agroquímicos. A prática tem permitido a manutenção da floresta,

da paisagem e a conservação da biodiversidade, evitando a conversão definitiva da terra para uso diverso, como por exemplo, formação de pastagem ou plantio de florestas exóticas.

Sustentabilidade e tradição

O sistema de uso da terra tradicionalmente praticado pelos agricultores de Biguaçu caracteriza-se pela supressão de pequena gleba de vegetação para o cultivo de lavouras anuais por curto período de tempo. A lenha retirada é usada na produção de carvão vegetal. Após a colheita da lavoura, a floresta volta a se regenerar. “Outra importante característica é o fato de que já entre as plantas de ciclo anual é realizada a condução da regeneração natural. Ou seja, ao mesmo tempo em que cultivam, os agricultores manejam espécies arbóreas regenerantes, o que caracteriza um tipo peculiar de sistema agroflorestal”, explica Reney Dorow, Gerente do Centro de Socioeconomia

e Planejamento Agrícola da Epagri (Epagri/Cepa).

Esse manejo permite a rápida regeneração do fragmento florestal após a colheita da lavoura anual. Outro aspecto fundamental dessa prática é o caráter social. Ao respeitar o conhecimento empírico dos agricultores locais, as instituições governamentais preservam um saber-fazer histórico. Diversos estudos nacionais e internacionais têm apontado os benefícios socioecológicos desse sistema e registram importantes prejuízos nas regiões onde ele tem sido abandonado, sobretudo a perda da biodiversidade.

Desde 2009, a Epagri e as instituições parceiras desenvolvem projetos com esses agricultores, que formaram, em 2013, a Associação Valor da Roça. A entidade possui um Caderno de Normas que é seguido rigidamente pelos associados. Uma das principais regras é que a vegetação suprimida para a roça volte a se regenerar após o cultivo. Para garantir que as regras sejam cumpridas, uma comissão de associados faz vistorias nas áreas em regeneração e, assim, certifica de forma participativa o cumprimento do compromisso assumido.

Sobre o prêmio

O Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais é uma iniciativa do BNDES em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa/MAPA), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan/MinC) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO/ONU). O objetivo é reconhecer boas práticas ligadas à salvaguarda e conservação dinâmica de bens culturais e imateriais associados à agrobiodiversidade e à sociobiodiversidade presentes nos Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil. ■



Foto: Fernando de Luca

Espécies arbóreas se regeneram entre as culturas de ciclo anual